

# Pantanal: Entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças

Albana Xavier Nogueira\*

As sociedades atuais passam por intensos processos de metamorfose, desencadeados pela veemência da globalização, que provoca inquietação nas identidades culturais e deslocamento das estruturas sociais. Este trabalho tem por objetivo discutir essa inquietude, tendo como eixo central a relação entre velhas e novas tradições e a oscilação do pantaneiro diante da necessidade de opção ou de conciliação entre o tradicional e o recente. O material que compõe esta discussão apóia-se, em sua parte teórica, em estudiosos do assunto e nas pesquisas realizadas *in loco*, nos pantanais do Aquidauana, do Miranda, do Rio Negro, da Nhecolândia. Os resultados apontam para a rápida implantação de uma nova performance nos pantanais, invadidos pela mídia, pela informática e por outros mecanismos tecnológicos acionados pelo mercado competitivo, que exige inovação e criatividade, o que afeta a noção de perenidade, inclusa no conceito de tradicional..

**Palavras-chave:** Tradições pantaneiras; apego ao tradicional; apelo à mudança.

The current societies pass through intense metamorphosis processes, unchained by the

## Introduzindo o assunto

As sociedades contemporâneas passam por um processo de intensas transformações, que afetam as estruturas e os modos tradicionais de configuração de identidades, processo esse a que Hall<sup>1</sup> afirma ser denominado, por conveniência, de globalização. Assim, a aceleração do processo de globalização tem contribuído para o declínio das velhas identidades, centradas e estabelecidas, que vão sendo substituídas por novas identidades duplamente “descentradas” e “deslocadas:” de si mesmas e de seu “lugar” no universo social e cultural. Essas

---

\* Professora do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional-UNIDERP.  
albananogueira@yahoo.com.br

<sup>1</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

vehemence of the globalização, that causes restless in the cultural identities and displacement of the social structures. This work has as objective to discuss that restlessness, with central axis the relationship between old and new traditions and the oscillation of the pantaneiro due to the option need or the conciliation between the traditional and the new. The material that composes this discussion leans on, in its theoretical part, in specialists of the subject and researches accomplished in loco, in

the Aquidauana, Miranda, Rio Negro and Nhecolândia Pantanal. The results point to the fast implantation of a new performance in Pantanal, invaded by the media, for the computer science and other technological mechanisms worked by the competitive market, that demands innovation and creativity, what affects the eternal notion, included in the traditional concept.

**Key words:** Traditions of pantanal; attachment to the traditional; appeal to the change.

---

identidades buscam formas viáveis de redimensionamento dentro do cenário provisório e incerto do mundo globalizado, cenário em que de torna difícil aos sujeitos identificarem-se como parte de dado grupo social, caso elejam como parâmetro a estabilidade e a sensação de pertencimento mantida pelas antigas tradições.

Nas chamadas sociedades de tempo lento, principalmente as agropastoris, cujo tempo é ritmado pelos ciclos naturais, os símbolos sempre foram valorizados, assegurando a continuidade da tradição, na forma de transmissão de práticas sociais partilhadas e vivenciadas no cotidiano de habitantes de comunidades menos privilegiadas, geralmente periféricas. Nessas comunidades, as práticas sociais eram e ainda são, muitas vezes, repassadas quase intactas para as gerações seguintes, responsáveis por transmiti-las a seus descendentes, assim como se fosse uma herança quase sagrada, um valor capaz de caracterizar uma ascendência, marcar uma estirpe, identificar os membros de um grupo social.

Essas comunidades são tidas, hoje, como comunidades tradicionais ou comunidades de cultura tradicional. Nelas costumam ser incluídos os camponeses, os indígenas e, por extensão, os ribeirinhos, os vaqueiros, os pescadores, os caiçaras, os artesãos, dentre outros grupos mais ou menos restritos, que participam de experiências das culturas tradicionais. Aliás, segundo Diegues<sup>2</sup>, “num certo sentido todas as culturas são tradicionais”. É dentro dessa prerrogativa que se busca apoio para tratar os pantaneiros típicos, principalmente os mais antigos, como integrantes de comunidades tradicionais, muito complexas e pau-

---

<sup>2</sup> DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2991, p. 87.

latinamente descaracterizadas, devido às transformações do ambiente e da economia pantaneira. As populações tradicionais detêm os chamados “saberes tradicionais”, hoje tão assediados pela ciência, principalmente aqueles “saberes” relacionados ao uso de elementos da flora e fauna, nas práticas da medicina popular.

Nas sociedades ditas modernas, as tradições assimilam o ritmo alucinado, movido pela força do recente, da novidade, da improvisação, da transitoriedade, do efêmero. Nessas sociedades, a tradição assume feições diferentes, embora não deixe de ser um elo importante na continuidade da cadeia de transmissão de saberes, muitos deles empíricos, transferidos de uma geração para outra, após passarem por transformações, provocadas pelo contexto dinâmico das sociedades atuais.

Posto que os ambientes natural e cultural, os hábitos, os meios de locomoção, as redes de comunicação evoluem constantemente, influenciados pelo novo conceito de cultura híbrida, diversificada, transnacional, em que os símbolos assumem caráter passageiro, é de se esperar que muitos aspectos das tradições e valores culturais também sejam modificados e inovados, quando não reinventados. Bhabha<sup>3</sup> argumenta que a hibridização enfatiza as culturas como construção, ao passo que as tradições são invenções.

Os grupos sociais se identificam entre si e se diferenciam dos outros, em função da escolha dos estilos, comportamentos e conhecimentos eleitos como de maior significado, por agregarem valores e servirem de referência às identidades sociais e culturais. Nas diferentes culturas, conforme Capra<sup>4</sup>, “o comportamento das pessoas é moldado e delimitado pela identidade cultural delas, a qual, por sua vez, reforça nelas a sensação de fazer parte de um grupo maior”. Essa sensação de pertencimento e de compartilhamento é reiterada por tudo aquilo que a tradição consegue arrolar como transmissão de conhecimentos, “saberes tradicionais”, crenças e usos que são vivenciados ou que podem ser acionados pela memória individual ou social.

---

<sup>3</sup> BHABHA. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.

<sup>4</sup> CAPRA, F. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 99.

A intenção deste artigo é, portanto, discutir a tradição pantaneira sob o prisma do tradicional e da mudança, ou seja, da tradição como mecanismo de continuidade, e da mudança como “deslocamento das estruturas tradicionais”. A mudança para introdução da novidade conduz à ruptura, que, no caso da tradição é essencial para sua existência. A percepção do avanço das mudanças vem criando, não só no pantaneiro como nos demais seres humanos, um clima de inquietação e insegurança, provocado pela introdução de paradigmas mais coniventes com o contexto de transitoriedade dos tempos atuais.

Nesse cenário, a cultura pantaneira, da mesma forma que as demais culturas, oscila entre o apego aos valores tradicionais, representativos de um modo tradicional de percepção do mundo e o convite às mudanças, ditadas pela nova ordem, que se instaura na nova sociedade, marcada pela “revolução da informática”, que intensificou o processo de globalização e, segundo Capra<sup>5</sup>, não afetou apenas as transações relacionadas aos negócios, mas também aperfeiçoou as “redes globais de notícias, artes, ciências, diversões e outras expressões culturais”.

Acresce-se a tudo isso, a marcha irreversível da globalização econômica e cultural, que, movida pela revolução da informatização, a que se refere Capra, vem desenhando um novo perfil na redefinição da trajetória da humanidade, na sua busca pelo entendimento das velhas e das novas tradições.

Embora a nova dinâmica de interações, sustentada pela globalização, desperte, ao lado da aventura do novo e do inesperado, a vontade, “por parte de alguns grupos, de retornarem às antigas tradições”, a maioria das pessoas manifesta “o desejo de participar da ‘modernidade’ dentro de suas próprias tradições”<sup>6</sup>. É o que se pretende constatar, tomando como parâmetro idéias e concepções teóricas emanadas de autoridades no assunto e complementadas pelas pesquisas de campo, realizadas em diversos pantanais, por meio de entrevistas *in loco*, observações participativas, anotações, que tornaram possível a obtenção de um material suficiente para este e outros enfoques sobre cultura e tradição pantaneira.

---

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p. 144.

<sup>6</sup> CUELLAR, J. P. de (Org.). *Nossa diversidade criadora*. Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento. Brasília, Unesco, 1977, p. 39.

# *Pantanal: Entre séculos de tradições*

No espaço geográfico onde se estende a planície pantaneira, conhecida como o abrigo de uma das maiores biodiversidades do Planeta, iniciou-se, com a ocupação humana, a história do então estado de Mato Grosso. O Pantanal, que hoje conhecemos já foi denominado de Mar, Lago ou Lagoa de Xaraés pelos primeiros exploradores que nele aportaram, de passagem para as lendárias minas de prata da Bolívia e do Peru, em época de grandes enchentes.

Muitos outros exploradores, aventureiros catequistas, bandeirantes, homens ousados, destemidos, levados pela ambição incontrolável, percorreram partes do território do Estado, procurando apossarem-se das riquezas locais ou buscando atalhos para encontrarem-nas em outras localidades. A maioria não tinha, portanto, intenção de fixar-se no local.

Os primeiros vestígios da saga humana em superfícies pantaneiras levam à ousada aventura do português Aleixo Garcia, considerado o precursor dentre aqueles que incrustaram seus rastros em caminhos improvisados nas terras do atual Mato Grosso do Sul e que acabou trucidado pelos índios m'bayá, conforme relato de historiadores.

Muitos outros fatos relevantes concorreram para a construção e redimensionamento da história do atual território sul-mato-grossense, todos eles marcados por traços de pioneirismo, ousadia, ambição e coragem, que culminaram com a ocupação das terras propícias à criação de gado e à instalação das sedes precárias das grandes propriedades rurais. Essas propriedades, com o tempo, transformaram-se em majestosas sedes, verdadeiros ícones da fase áurea da pecuária, enquanto a população indígena, cada vez menos numerosa, era encurralada em pequenas extensões de terras.

A chegada do homem em cada uma das regiões do Planeta contribuiu, de alguma forma, para a lenta, e até então imperceptível, descaracterização da natureza. No Pantanal, com a introdução, principalmente do gado, elemento estranho à paisagem selvagem, esta foi se domesticando. Concomitantemente a esse fato, instaurava-se um processo cultural irreversível, fundamentado na adaptação dos desbravadores às planícies propícias às inundações e na inclusão de elementos integrantes da cultura dos novos migrantes às formas de

manejo da pecuária, de convívio com os ambientes natural e social, onde comecem a delinear-se os vestígios do que seria conhecido como tradição pantaneira.

Dessa maneira, o grupo social considerado neste artigo é constituído pelos pantaneiros, ou seja, pelos habitantes das áreas tidas como domínio do Pantanal de Mato Grosso do Sul, mais propriamente, dos pantanais do Aquidauana, do Miranda, do Rio Negro, de Nhecolândia, considerados como pantaneiros típicos, ou por ter nascido e vivido nesses pantanais, ou por ter passado neles a maior parte de suas vidas, tendo aprendido e transmitido as tradições locais.

Os pantanais referenciados são resultantes de um complexo geoeconômico, social e cultural diversificado e formado por vários pantanais. Esses pantanais, embora pareçam iguais em alguns aspectos, diferenciam-se em outros, sem, contudo, perderem as características identificadoras desse universo singular, que ocupa extensa superfície deste Estado, do estado de Mato Grosso e se prolonga por terras do Chaco paraguaio.

O Pantanal constitui um ambiente socioecológico onde se aprende a respeitar não só a paisagem, representada pela flora e pela fauna, mas também o ser humano, quer seja patrão ou peão. Credita-se essa atitude às próprias condições de vida num ambiente distante dos centros populacionais, em que a paisagem, os animais, as águas dão ao homem uma dimensão diferente do mundo e das pessoas, estas últimas irremediavelmente parceiras, na cadeia da sobrevivência.

Há que se considerar que o Pantanal nasceu sob o estigma da diferença, tanto do ponto de vista de seu espaço morfogeográfico quanto de seu contexto antropocultural, marcado, desde o início, pela ocupação efetivada por fluxos migratórios, provenientes de regiões diferentes. Ao contracenarem com os habitantes nativos e com os imigrantes, principalmente portugueses e paraguaios, contribuíram para novas formações interétnicas, de cujo processo de miscigenação originou-se o hibridismo cultural que sempre caracterizou a vida pantaneira, posto que, na concepção de Burke<sup>7</sup> “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural”.

---

<sup>7</sup> BURKE, P. *Hibridismo cultural*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006, p. 14.

Dessa formação culturalmente híbrida, produto de diversas mesclas interculturais, descendem os senhores dos pantanais: fazendeiros, gerentes de fazenda, capatazes de campo, boiadeiros, peões campeiros, peões praieiros, guieiros, piloteiros, representantes de uma população rarefeita, cada vez mais pressionada para a vida fora dos pantanais, acoçados por problemas similares aos que determinam a migração do campo em direção à cidade. O Pantanal referido é o da pecuária, cujas atividades presidem a cultura, a tradição e a economia da região, embora o ecoturismo venha ocupando cada vez mais espaço, a ponto de, em algumas fazendas, caminhar paralelamente com as atividades da pecuária.

De modo geral pode-se dizer que, dentre as mais fortes tradições da gente pantaneira destacam-se a solidariedade, a hospitalidade, a sabedoria empírica, o imaginário aguçado, o cuidado com a preservação da natureza, o mate-quente e, sobretudo, o tereré, além das festas tradicionais em que não faltam os bailes, a música regional, o churrasco. E, ainda, o manejo do gado, da “traia” de campo, que é quase sempre confeccionada pelo próprio campeiro. Mesmo desacompanhado de seres humanos reais, o vaqueiro nunca está só, visto que o acompanha uma legião de seres imaginários, que se esconde nas matas fechadas, nos capões e espia a passagem do vaqueiro, com olhos luminosos, emitindo, muitas vezes, cantos e sons mágicos, misturados a barulhos ou assovios assustadores.

Outro fato inerente à cultura pantaneira é a conhecida sabedoria empírica do homem dos pantanais, que detém um modo especial de observar e de interpretar os fenômenos naturais, a fim de orientar-se nas práticas do dia-a-dia. Esse modo de agir, norteado pelo saber empírico, testado em diversas circunstâncias da vida e repassado por sucessivas gerações, facilitou-lhe, por décadas e décadas, o manejo das atividades diárias. E é esse *saber* interpretar e *saber* fazer que a ciência moderna redescobre com o nome de “saberes tradicionais”, recuperados, à luz dos discursos a respeito do desenvolvimento sustentável.

Perscrutar a natureza, para verificar a direção dos ventos e diagnosticar as condições atmosféricas; observar o comportamento dos animais; a postura e o canto das aves; a época de florescimento das piúvas, para prever a chegada das chuvas, das enchentes, do estio, durante muito tempo fez parte do conjunto de saberes tradicionais, que auxiliaram o pantaneiro a desenvolver e a cultivar um tipo de comportamento interativo entre homem e natureza.

E, ainda, observar as fases da Lua, para descobrir o melhor tempo para o plantio, a colheita, o manejo do gado, tudo isso fez e, às vezes, ainda faz do pantaneiro típico um verdadeiro climatólogo, um astrólogo, um semiólogo, enfim, um conhecedor de seu *habitat*, capaz de ler nos signos naturais, indícios e mensagens desconhecidas para os não iniciados nesse tipo de sabedoria empírica<sup>8</sup>.

De seus antepassados portugueses, cuiabanos, poconeanos e dos indígenas, que habitaram a região e com os quais conviveu por longos anos, ora em paz, ora em litígios, herdou e aperfeiçoou os saberes e práticas tradicionais, relacionadas ao uso da medicina caseira, dos chás, infusões, emplastos, estes últimos feitos com partes de plantas ou com graxa de animais, como carneiro, capivara e até pele de veado.

Muitas vezes os remédios caseiros eram reforçados pela crença no poder mágico das simpatias e das benzeções. Também os hábitos, relacionados ao trato com o ambiente, como o de construir aceiros, de queimar os campos, para que a brotação venha com mais força, de basear-se no tempo cíclico, de buscar a cura por meio de recursos míticos representam herança dos nativos da terra e integram as tradições pantaneiras, em decorrência das dificuldades em conseguir outros tipos de recursos para combater as doenças, provocadas, muitas vezes, por “mordedura” de cobra, por “rodadas” de cavalo<sup>9</sup>.

Essas práticas de cura, tradicionalmente cultivadas em tempos de outrora, encontram-se a caminho da extinção, posto que conta com estradas um pouco melhoradas e meios de transporte mais ágeis, o que facilita os contatos com as cidades mais próximas.

Mas os traços componentes da cultura tradicionalmente pantaneira não se resumem apenas ao que foi citado anteriormente. As lendas rurais, os mitos, as superstições, os ‘causos’, tanto os trazidos pelos portugueses e mamelucos quanto os aprendidos com os indígenas, ainda habitam o imaginário de vaqueiros típicos e percorrem as fazendas, assustando a solidão dos viajantes noturnos.

Diferentes formas de diversão também marcaram essas tradições culturais, durante mais de uma centena de anos. As festas, em sua maioria, atestavam a

---

<sup>8</sup> NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: homem e cultura*. Campo Grande: EdUFMS, 2002.

<sup>9</sup> Id., *ibid.*



religiosidade, baseada no catolicismo, que hoje se encontra em decadência, com a proliferação de novos credos, principalmente daqueles relacionados aos cultos evangélicos. Normalmente cada uma das fazendas tinha seu santo de devoção, o seu padroeiro. São Sebastião era e ainda é o mais popular, por ser o protetor das fazendas de gado. Protege contra a peste, a doença e a guerra. As festas tradicionais duravam vários dias e se realizavam num clima de familiaridade e respeito. Os convidados chegavam a cavalo ou de carreta, segundo<sup>10</sup>.

Na véspera iam chegando os convidados e não-convidados. Vinham a cavalo os solteiros, quase sempre em bandos descarregando os revólveres para o alto, em salvas ao festeiro, quando atingiam as porteiras. As famílias vinham em carros de bois, toldados, que haveriam de ser abrigos para as crianças durante a noite.

Nas comemorações religiosas, à noite, antes do baile, rezava-se o terço, às vezes tinha até procissão. Durante o dia, além do churrasco, havia as carreiradas; os carteados; os ensaios dos violeiros e dos sanfoneiros, que iam animar o baile a noite inteira. Também se inventavam brincadeiras para divertir os jovens e as crianças. As damas e os cavalheiros, ao anoitecer, estavam prontos para bailarem até o clarear do dia seguinte. Festas semelhantes, embora sem o clima de religiosidade, eram realizadas para comemoração de aniversários, casamentos, batizados e muitos outros acontecimentos, onde não faltavam as tradicionais “surpresas”, feitas principalmente aos aniversariantes.

Por conta das transformações em curso na região, a tradição não se sustenta mais senão por meio do jogo entre continuidade/ruptura, que procura efetivar a conciliação entre o antigo e o novo, duas faces de uma mesma moeda.

## *Tradição e mudança: Busca de conciliação*

As considerações anteriores permitem que se rediscutam algumas noções referentes à cultura e à tradição na sociedade pantaneira contemporânea, em que o tradicional e o novo constituem-se em mecanismos de conciliação entre

---

<sup>10</sup> BARROS, Abílio Leite de. *Gente pantaneira: crônicas da sua história*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998, p. 181.

as condições socioculturais experimentadas outrora e as vividas no presente. Essa mudança de posturas propicia novas maneiras de dinamização da vida, numa atmosfera de incertezas, que aceleram uma verdadeira revolução nos estilos de desenvolvimento, na economia, na concepção do mundo, abrindo um sem número de alternativas para o futuro. Futuro esse, visto como um tempo que se dilui nas novas dimensões do presente, ditadas pela atitude emergencial da vida, na sociedade atual, chamada também de pós-moderna. Giddens<sup>11</sup> considera que:

Quanto mais a tradição perde seu domínio e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida, a partir de uma diversidade de opções.

As transformações ocorridas nos pantanais, especialmente as que se manifestaram nos últimos tempos, põem em evidência a necessidade de opções, por parte do pantaneiro, a fim de adaptarem-se às contingências da vida local e às exigências do contexto global. Por conta disso, muitos hábitos e costumes tradicionais vêm sendo substituídos por outros mais adequados à rotina dos tempos da globalização. Sabe-se, hoje, que assim como a cultura passa a ser reconhecida como um dos fatores essenciais na interpretação das diversas formas de mudanças sociais, a tradição tem representado papel determinante nas “formas culturais de apropriação da natureza”<sup>12</sup>. Em vista disso não se pode prescindir do respeito aos “saberes locais” e da valorização e preservação do local, levando em conta sua história, cultura, recursos humanos e naturais.

Entrevistando pantaneiros e conhecendo as situações *in loco* foi possível apontar alguns fatores que vêm contribuindo para a rápida transformação da vida e da paisagem pantaneiras, tais como: invasão da tecnologia e da mecanização, sucessivas crises na pecuária pantaneira; redivisão constante das fazendas, ocasionando o êxodo dos fazendeiros típicos para as cidades e a chegada dos neopantaneiros, ou seja, dos novos proprietários de fazendas, bem como implantação do ecoturismo em algumas fazendas.

---

<sup>11</sup> GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 13.

<sup>12</sup> LEEF, H. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Os meios tecnológicos, como o rádio, a televisão e mais recentemente a internet e o celular contribuem para integrar os habitantes do Pantanal ao cenário desenhado pela globalização. Entretanto, paralelamente a esses avanços do mundo informatizado, a história pantaneira continua sendo escrita pelos cascos do cavalo, ao som do berrante.

O êxodo contínuo do pantaneiro típico e o novo ciclo de ocupação dos pantanais, por empresários da pecuária, provenientes de outros estados ou mesmo de terras estrangeiras, que nem sempre procuram tomar conhecimento das principais tradições locais têm provocado a descaracterização de usos e costumes seculares. Além disso, práticas de hospitalidade e de solidariedade, tão caras à tradição pantaneira, tendem a desaparecer, à proporção que novos cadeados vão fechando os portões das grandes propriedades, interditas aos viajantes. Esta é uma das grandes preocupações do pantaneiro típico, integrado ao mundo cultural da região.

Acontecimentos recentes, como a já citada implantação da atividade turística, em muitas fazendas, transformadas em pousadas, colocam em cheque a continuidade da tradição cultural, condizente com os padrões do universo da pecuária, que ainda hoje garante a configuração socioeconômica e cultural da região. Entretanto não se descarte a possibilidade de revalorização da cultura local, vista sob o ângulo do visitante e também revigorada localmente, como fonte produtora de bens de consumo, que se constituem em atrativo e incremento da atividade turística.

Essa nova realidade, tanto pode contribuir para a instauração de um novo mosaico cultural quanto do retorno das tradições locais. A facilidade de convivência com os turistas acaba propiciando a assimilação de hábitos estranhos à região, que, certamente, se refletirão na linguagem, na alimentação, na própria adesão a metodologias modernas, introduzidas para o aproveitamento de recursos naturais. Isso contribui para que significativas mudanças ocorram na maneira tradicional de lidar com as experiências inerentes ao mundo da pecuária, cujas solicitações do mercado, nem sempre condizem com a criação extensiva de gado de corte engordado com as pastagens nativas.

Contemporaneamente, o pantaneiro, depois de atravessar duros períodos de crise na pecuária, é um ser que hesita entre o apego às tradições do passado e o apelo às inovações do mundo presente, cujas expectativas apontam para atividades que não fazem parte de seu *mettier* pantaneiro. São atividades que exigem

um novo modo de olhar a realidade local, desfocada de tudo daquilo que, durante séculos, constituiu a única fonte de sobrevivência econômica nos pantanais: a pecuária extensiva.

Mas, o pantaneiro, mesmo atordoado com os apelos à adoção de novas opções de vida, ainda tenta resguardar aspectos culturais arraigados em suas tradições. Decorre daí a preocupação de alguns em manter as festas tradicionais, embora não consigam sustentar o mesmo ritual antigo, tendo em vista que o ambiente sociocultural dos pantanais entrou num irreversível processo de transmutações.

Mesmo assim ressalta-se a importância da manutenção de certas tradições, dado que uma, dentre suas múltiplas funções, é a de servirem de elo entre o ontem e o hoje, reforçando o sentimento de pertencimento a um grupo sociocultural.

Por isso, ao lado das festas típicas, cada vez menos frequentes, ressaltam-se iniciativas particulares de pantaneiros, interessados na preservação dos hábitos e costumes locais e preocupados com a possibilidade do desaparecimento das antigas tradições. Esses pantaneiros buscam reinventá-las, organizando, periodicamente, festas em que procuram, além de resgatar aspectos essenciais das festas antigas, como o baile, a música, a gastronomia, reascender o clima de hospitalidade que sempre marcou as comemorações pantaneiras tradicionais.

Nos dias atuais, nas raras fazendas que mantêm as tradições festivas, as que ainda sobrevivem, não duram mais do que um ou dois dias e são influenciadas pelos hábitos da vida urbana. O pantaneiro reclama que as festas de hoje são competitivas e perderam aquele clima das festas de outrora, muito mais espontâneas e animadas.

Ainda, dentro dessa ótica de reinvenção das tradições dos pantanais, há outras iniciativas notáveis, como a Festa do Homem Pantaneiro, que tem sido até agora um evento itinerante, ou seja, tem-se realizado em cidades pantaneiras diferentes. Nesse caso, transporta-se para um local urbano, uma amostragem da ambiência pantaneira, onde, ao lado das manifestações típicas da cultura da região, discutem-se problemas sociais, culturais e econômicos, concernentes à vida nos pantanais.

Outro exemplo dessa tentativa de reinvenção de novas tradições, que também merece destaque, é a Cavalgada Pantaneira. Julga-se que um dos grandes

méritos da cavalgada, se conseguir firmar-se como evento típico da região, é a participação dos jovens, que, conhecendo melhor a região, terão melhores oportunidades de encontrar mecanismos para buscar formas de conciliação entre os hábitos e costumes tradicionais e os modelos impostos pela nova ordem econômica e cultural.

Como se pôde verificar, em tempos de crise da tradição, relacionada à própria crise de identidade dos sujeitos deslocados, fragmentados, a que já se fez alguma referência, ainda se reconhece a importância da tradição como elo e ruptura entre passado e presente.

## *Tradição e mudança no contexto atual*

As relações entre cultura e tradição serão discutidas tendo em vista o contexto em que se situam as identidades fragmentadas sobre as quais já se fez referência, enquanto as mudanças serão vistas, não como desaparecimento da tradição, mas como deslocamento das estruturas tradicionais. Nesse contexto sócio-histórico e cultural, o repasse, pelos grupos sociais, das diferentes experiências e maneiras de agir e conceber o mundo depende muito da percepção que essas identidades têm de si próprias e do ambiente cultural em que se inserem. Essas identidades expressam e reforçam um conjunto de informações e de conhecimentos que modelizam crenças, valores e visão de mundo, que, conforme Benedict<sup>13</sup> são como lentes, por intermédio das quais o homem vê o mundo e interpreta as experiências do cotidiano.

Para entender melhor esse contexto, que, hoje, com a intervenção da mídia e da internet, transformou-se num contexto pluridimensional, é necessário compreender também a cultura dentro de uma perspectiva antropológica. É dentro dessa ótica que se consegue ver a cultura, corolário fundamental para se entender a tradição, como complexo padrão de representações, crenças, valores, usos, tradições, costumes adquiridos pelos seres humanos, como integrantes de uma sociedade.

---

<sup>13</sup> BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Geertz<sup>14</sup>, que procura estudar as culturas dentro de um ponto de vista interpretativo, considera-as como um emaranhado de teias de significados que os homens tecem e nelas se enrolam. Para ele, muito mais do que “feixe de hábitos”, costumes, tradições, usos, a cultura é um “conjunto de mecanismos de controle, exercido por meio de planos, receitas, regras”, “programas”, para “governar o comportamento”. Ainda, para o autor, esse mecanismo de controle seria exercido por intermédio dos instrumentos simbólicos atualizados pela linguagem.

A palavra tradição procede do Latim: *traditio*, derivada do verbo latino *tradire*, que tem o significado de entregar, fazer chegar. Os dicionários estabelecem a relação do verbo *tradire* com herança cultural, legado de crenças e técnicas, transmitidos de uma geração para outra, associando a ele também os significados de recordação, memória; de tudo que se pratica por costumes e hábitos adquiridos; incluindo o próprio saber oral e escrito, ao referir-se à tradição como a “a transmissão oral de lendas, costumes, hábitos, durante um longo espaço de tempo”<sup>15</sup>. Bosi<sup>16</sup> associa a tradição à memória, ao afirmar que a “memória é o centro da tradição”. Na concepção de Bornheim<sup>17</sup>,

De certa forma, estamos instalados numa tradição, como que inseridos, a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar-se de suas peias. Assim, através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração e isso constitui tradição – e nos constitui.

Assim, a tradição consiste no ato de passar algo de uma pessoa para outra ou de uma geração para a subsequente. Por intermédio da tradição, alguma coisa é dita por uma geração e essa coisa dita é entregue a outra geração, que, por sua vez, a remeterá à geração seguinte. Isso não significa que comportamentos, crenças e saberes transmitidos sejam imutáveis, posto que não se pode pensar na tradição como alguma coisa estagnada, estática, uma vez que ela acompanha a evolução da cultura, o que não a impede de ser um fator de continuidade dos elos culturais possíveis entre passado e presente.

---

<sup>14</sup> GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

<sup>15</sup> HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

<sup>16</sup> BOSI, Alfredo. Cultura como tradução. In: BORNHEIM, G. A. (Org.). *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 53.

<sup>17</sup> BORNHEIM, G. A. (Org.). Op. cit., p. 18/19.

Giddens<sup>18</sup> considera que “a tradição é a cola que une as ordens sociais pré-modernas”, ou seja, a tradição “é uma orientação para o passado”, de tal modo que o “passado exerce forte influência sobre o presente”. Como se pode ver, tradição não se contrapõe a moderno, ou pós-moderno, uma vez que, aos semas associados à palavra tradição, como: repasse, transmissão, transferência, continuidade, perpetuidade, referentes ao conjunto cultural de dado grupo ou sociedade foram sendo agregados outros semas, tais como: inovação, criação, invenção, reinvenção, todos eles adquiridos num tumultuado contexto de mudanças.

Tradição e cultura são, portanto, realidades que estão sempre correlacionadas. Enquanto a palavra cultura refere-se ao modo de pensar, significar e agir sobre o mundo, a tradição quer perpetuar essas modalidades comportamentais, que refletem o conjunto de bens culturais, que identificam os grupos sociais, repassando-os para os grupos que os sucederão, mesmo que dentro do cenário de valorização do efêmero.

Assim, a crença infundada de que tradição se refere a um conjunto de bens culturais, que se perpetuam de geração a geração, sem sofrer transformações baseia-se, ao que tudo indica, na concepção de coisa muito antiga, que é erroneamente associada a essa palavra. Dentro dessa concepção tem-se sempre a sensação de que tudo que é tradicional advém de um tempo que desaparece nas brumas do passado. O que não se pode tomar como norma, dado que, para Hobsbawm<sup>19</sup>: “Muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. Hobsbawm e Ranger, em importante estudo sobre as tradições da corte inglesa dessacralizam-nas, mostrando que essas veneráveis tradições foram inventadas, algumas até muito recentemente. Segundo Hobsbawm,<sup>20</sup>.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam a inculcar certos valores e normas de comportamento, através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.

---

<sup>18</sup> GIDDENS, A. et alii. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 80.

<sup>19</sup> HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 9.

<sup>20</sup> Id., *ibid.*, p. 9.

Tanto as tradições inventadas recentemente quanto as mudanças que nelas ocorrem, no decurso do tempo, implicam, de certo modo, numa ruptura. Para Bornheim<sup>21</sup>, o binômio tradição/ruptura é fundamental para a vida da tradição, uma vez que esta busca sustentação na continuidade e na mudança. Por isso, ser refratário às mudanças é o mesmo que rejeitar o intercâmbio cultural, as conexões com segmentos de outras identidades culturais, de novas projeções sociais.

Tudo isso, entretanto, não impede a presença de referentes de pertencimento, estabilidade e continuidade, disputando espaços com a descontinuidade, o deslocamento e o imprevisível. De modo que a ruptura não ocorre na relação do velho com o novo, uma vez que a dinâmica da cultura permite que o novo contenha o velho, mas se dá em relação a outros aspectos do complexo conjunto cultural.

Por conseguinte, a tradição que uma geração transmite a outra, que a sucede sofre inúmeras modificações, que lhes vão sendo acrescidas ou subtraídas, ou que recebem nuances diferentes, de acordo com as possibilidades e as influências experimentadas pelos diferentes grupos sociais que as adotaram em diversos lugares. As tradições recebidas simbolizam o legado da cultura, construído por meio de processo instável, em que, enquanto alguns traços se perdem, outros, aos poucos, vão se agregando. É essa dinamicidade que propicia a convivência entre a conservação de antigas tradições e a adoção de elementos inovadores.

Dessa forma, a ruptura decorrente do processo de mudança, permite que a tradição se renove, mantendo-se viva. O processo renovador, que marca a tradição, é constatado até por pessoas leigas no assunto, que são sensíveis às transformações em curso no seu cotidiano. É essa sensibilidade que lhes permite proferir enunciados comparativos como: “No meu tempo não era assim”. “Não se fazem mais festas como antigamente”. “Naqueles tempos, o tratamento entre patrão e peão era muito diferente”. “Hoji im dia, us patrão abandonar tu du issu aqui, as fazenda, vèim di veiz im quandu i vai imbora, tem piãu qui nunca viu u patrãu.” “Se fosse no meu tempo...” Muitos autores vêem nessas constatações certo grau de nostalgia em relação ao passado.

---

<sup>21</sup> BORNHEIM, G. A. Op. cit.



Elocuções desse tipo explicitam que as pessoas registram que os acontecimentos, hoje, se processam de forma diversa, de acordo com a criatividade humana, que recria as tradições, por meio da introdução de nova maneira de conhecer, interpretar e repassar os conhecimentos e as crenças, vivenciadas na sociedade contemporânea, dominada pela mídia e pela informática, enfim, pelo impacto das tecnologias na tradição.

No imaginário popular, a palavra tradição costuma remeter a práticas sociais, valores, crenças, rituais, conhecimentos e diversões, que se perdem nos fios do tempo e chegam até o presente praticamente intactas. Retornando a Bornheim, quando considera que as pessoas se encontram “inseridas numa tradição, a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar-se de suas peias.”, essas peias passam por rupturas capazes de, aos poucos, possibilitar a acomodação entre o novo e o antigo. Isso asseguraria o caráter mutável que a sustenta e a transforma num processo sempre inacabado. Cabe a cada geração, que a recebe, adaptar-lhe um novo detalhe, dar-lhe um toque de contemporaneidade, ou mesmo, reinventá-la.

Isto posto, é impossível falar sobre o homem pantaneiro, sem que se leve em conta a dualidade tradição/mudança, encarando a mudança como a ruptura, o deslocamento em relação àquilo que se encontra estabelecido e legitimado como tradicional, ou seja, com as práticas mais antigas, adquiridas pelo repasse de experiências, saberes e valores que acompanham as gerações.

Algumas dessas práticas tornaram-se impossíveis de serem fielmente conservadas, devido às transformações de hábitos, às interdições, à criação de leis e de normas sociais, emanados em consequência das mudanças socioeconômicas e culturais, que afetam a maneira de ser da sociedade atual. Exemplos significativos podem ser encontrados no cotidiano, em especial, no tocante a certas formas de lazer, em algumas fazendas pantaneiras, bem como nas formas de manejo da pecuária, em que os modos tradicionais perdem espaço para as novidades impostas, principalmente pela concorrência do mercado essencialmente consumista.

Até antes da proibição à caça às onças, essa atividade constituía-se em um tipo de diversão tradicional, que era exercida como esporte, muito concorrido, em algumas fazendas. Acontecia em época mais ou menos certa e obedecia a um ritual trabalhoso, que divertia seus participantes, posto que, para segurança, contavam com a perícia dos zagaieiros das fazendas que cultuavam esse tipo de

atividade. A caça esportiva deixou de existir, por força da interdição legal à caça às onças, por se encontrarem em processo de extinção. O que determinou o fim de uma tradição, nesse caso, foi uma ordem legal que impôs a mudança de uma prática social que já era considerada tradicional nos pantanais.

Disso tudo, parece razoável afirmar que o próprio pantaneiro, no decorrer do tempo, vem sendo coagido a enfrentar uma pluralidade de ofertas de escolhas que o levam a oscilar entre perseguir velhas tradições, muitas decadentes, ou aderir aos aspectos inovadores das novas tradições.

Além disso, as mesmas tradições culturais não se atualizam sempre da mesma maneira, nos diversos lugares onde se realizam. Elas apresentam nuances diferentes, de acordo com o contexto cultural e a época em que se efetivam. Embora existam sempre traços comuns identificadores de uma dada tradição, outros há que a diferenciam, em relação ao espaço geográfico ou à época de sua concretização.

De forma que uma mesma comemoração tradicional pantaneira pode apresentar características mais conservadoras ou mais inovadoras. Isso reforça a idéia de que o conceito de tradição agrega traços semânticos muito mais amplos do que aqueles que lhe são normalmente atribuídos. Por isso, o oscilar do pantaneiro entre o apego às velhas tradições e o apelo à adesão às mudanças é uma atitude normal, principalmente numa comunidade tão complexa como o Pantanal de Mato Grosso do Sul.

## *Considerações finais*

De tudo que foi colocado neste recorte sobre a cultura e tradição pantaneiras pôde-se perceber que os pantanais atravessam um período de transição do culto ao tradicional para a adesão às novidades, introduzidas principalmente pela tecnologia eletrônica, que, em curto espaço de tempo, colocou o Pantanal no contexto da globalização, que lhe vem emprestando novas configurações histórica, social, cultural e econômica.

Durante mais de dois séculos foi possível ao pantaneiro, conforme ele mesmo proclama, redimensionar o espaço do cotidiano, em que se incluem as rela-

ções familiares, o convívio com a vizinhança, bem como a construção de seu *habitat*, em consonância com as necessidades de adaptação ao ambiente natural. Dessa inter-relação entre homem e natureza nasceram e legitimaram-se as tradições pantaneiras, apoiadas num processo interativo entre ser humano e ambiente natural. Foi a implantação das primeiras fazendas, que deu origem às tradições culturais, que iriam orientar a vida local, durante séculos.

Entretanto, com a transformação dos modos de vida, devido ao constante fluxo de mudanças, que interferem nas formas tradicionais de identidade, alterando as práticas do dia-a-dia, que se tornaram mais flexíveis e abertas às influências de outras culturas, não foi mais possível considerarem-se as tradições pantaneiras como imutáveis.

Mas, paradoxalmente, não se pode, também, ignorar que o presente se constrói com base nas tradições repassadas como experiências vividas. Essas noções não faltam aos habitantes locais que, ao mesmo tempo em que não conseguem se desvencilhar das velhas tradições, não deixam de aderir aos apelos da vida em tempos de pós-modernidade.

A considerar-se que os tentáculos da globalização já estendem seus efeitos sobre a economia, a cultura, a organização social e política dos pantanais, cabe refletir sobre a estruturação de novas perspectivas de vida, centradas em concepções e atividades cada vez mais distanciadas daquelas que as pessoas costumam tomar como modelo, quando se referem aos afazeres tipicamente pantaneiros.

Assim, para o pantaneiro, deixar de lado certos hábitos e valores tradicionais, ou mesmo, alguns aspectos deles provoca, em certo sentido, um sentimento de despertencimento, em relação a tudo que sempre fez parte de experiências até então vivenciadas e partilhadas. Vem daí o “deslocamento” das estruturas tradicionais, que se reconhecem desprovidas de seus instrumentos de resistência e se tornam fragilizados diante dos sucessivos aparatos da tecnologia atual.

Cabe refletir sobre as conseqüências desse novo cenário, que se projeta na configuração de uma região, em que seus habitantes se vêem coagidos a abandonar ou a afrouxar seus hábitos e costumes, fundados na pecuária, e instituir novas formas de sustento dentro de contextos adversos.

Pôde-se, portanto, constatar que, embora os pantaneiros típicos demonstrem apego às velhas tradições, as condições sociais e econômicas vivenciadas nos últimos tempos vêm enfraquecendo o apego às formas tradicionais. Esses procedimentos são reforçados principalmente diante dos apelos da sociedade capitalista, com suas armadilhas e arapucas, destinadas a acelerarem o processo consumista que a sustenta em todos os sentidos, ao aprimorar os instrumentos de sedução pela novidade e pelo inusitado.